

ESTATÍSTICA E EDUCAÇÃO SOCIAL E EMOCIONAL INTEGRADAS

Profa. Dra. Diva Valério Novaes – Me. Jândela Cristiani G. dos Santos

novaes.diva@gmail.com – jandelacristiani@yahoo.com.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Brasil – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Brasil

Núcleo temático: VI. Matemática y su integración con otras áreas

Modalidad: CB.

Nível educativo: Médio o Secundário (12 a 15 anos)

Palabras clave: Educação Estatística, Educação Socioemocional, Formação de Professores, Perspectiva Transdisciplinar.

Resumo

Diversos pesquisadores, de diversas áreas científicas apontam e justificam mudanças necessárias à educação atual: nos dias de hoje as pessoas são admitidas no trabalho por suas competências técnicas e demitidas pelo comportamento pessoal; o resultado insatisfatório dos alunos brasileiros nas avaliações gerais em Matemática, se deve em parte, à dificuldade destes para utilizar conceitos contextualizados; no Brasil, a maior parte dos professores recebem formação insuficiente para o atendimento das demandas de aprendizagem para a vida em sociedade nesse milênio. Para refletir sobre a prática nestes aspectos, na disciplina de Estatística, criamos um Projeto de Pesquisa, com alunos de um curso de Formação Inicial de Professores e mestrandos. Buscamos responder à questão: A escolha criteriosa do contexto no processo de ensino e aprendizagem da Estatística, considerando a Análise Exploratória de Dados, Batanero (2001) e a metodologia da Roda de Conversa, Pizzimenti (2013), melhora a aprendizagem da Estatística e permite simultaneamente trabalhar algum aspecto da Educação Socioemocional nos termos do CASEL(2015)? Em pesquisa de mestrado, aplicamos uma atividade a alunos do ensino médio, utilizando o contexto de uso de drogas. Houve grande participação dos alunos na atividade, com resultados positivos na aprendizagem e nos aspectos de auto-gestão e tomadas de decisão responsáveis.

Introdução

Anteriormente, as crianças cresciam em contato muito próximo com familiares e vizinhos. Observavam os pais e demais membros da comunidade e tinham mais oportunidades que hoje de internalizar as normas do seu grupo cultural, respeitadas como “valores” para a sobrevivência individual e do grupo. Nos dias de hoje este tempo de convivência reduziu-se, crianças e adolescentes passam mais tempo utilizando equipamentos eletrônicos, do que em convivência com a família, afirmam Cosenza; Guerra (2011).

Esse fato proporciona um universo de informações nunca antes disponibilizado. O problema é que se perdeu um raciocínio crítico em relação a toda essa informação que receberam. As conclusões a que chegam não são questionadas em termos dos valores sociais, nem os comportamentos que adotam são debatidos em relação às suas consequências de médio e longo prazo. COSENZA; GUERRA (2011, p.96).

Esses autores afirmam que, se os adultos estão menos disponíveis, a escola não está preparada e os meios de comunicação não se preocupam em promover o desenvolvimento de capacidades importantes para a vida em sociedade, o cenário é preocupante em relação à formação daqueles que serão os adultos do século XXI.

No Brasil, a maior parte dos professores recebem uma formação insuficiente para o atendimento das demandas de aprendizagem para a vida em sociedade nesse milênio. Há que se atuar de modo ativo no desenvolvimento das capacidades de raciocinar, interagir, planejar e autorregular-se, valorizando e respeitando a existência e necessidades dos outros, opinam Cosenza, Guerra (2011).

Avaliadores de resultados de testes nacionais e internacionais, tais como Cruz (2014), afirmam que o resultado insatisfatório dos alunos brasileiros, em relação à Matemática, nestes testes, deve-se em parte à dificuldade dos alunos para utilizar os conceitos matemáticos em contextos da vida real. Assim, uma questão a ser superada é aprender a utilizar conceitos contextualizados em questões sociais ou do trabalho.

Muitos pesquisadores, tais como Macedo; Bressan (2016), afirmam que, os conhecimentos agregados pela neurociência podem contribuir para um avanço na educação, em busca de melhor qualidade e resultados mais eficientes para a qualidade de vida do indivíduo e da sociedade. Acredita-se que o progresso do conhecimento neste milênio só será possível a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Por meio desta perspectiva, diversas áreas do conhecimento estão utilizando seus pressupostos para avançar em direção a um conhecimento novo na área educacional.

Por outro lado, Novaes (2011), pesquisou concepções específicas de Estatística e didáticas de professores da Educação Básica, nos termos de Balacheff e Gaudin (2002). Entre as dezesseis concepções identificadas, cinco delas foi de “professor educador”. Todos os professores pesquisados, manifestaram desejo de fazer mais que ensinar um conteúdo específico de sua disciplina para seus alunos. Só não sabiam como fazer isso de maneira organizada, não contavam

com um currículo preparado para essa finalidade. Agiam apenas quando surgia oportunidade para discutir valores sociais.

Visando contribuir com a prática que promova melhoria nos aspectos, anteriormente discutidos, na disciplina de Estatística, criamos um grupo de pesquisa em Políticas Públicas para a Educação, inserido no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ). Desenvolvemos pesquisa com alunos do Curso de Formação Inicial de Professores, em projetos de TCC e mestrados do Curso de Mestrado Profissional em Ciências e Matemática, na instituição pública federal, onde atuamos. Criamos atividades, aplicamos em sala de aula da Educação Básica e buscamos responder à seguinte questão: A escolha criteriosa do contexto no processo de ensino e aprendizagem da Estatística, considerando a Análise Exploratória de Dados, Batanero (2001) e a metodologia de Roda de Conversa, Pizzimenti (2013), melhora esse processo e permite trabalhar simultaneamente algum aspecto da Educação Socioemocional nos termos do *Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning* (CASEL)?

Descrevemos aspectos observados na aplicação de uma destas atividades, em pesquisa de Mestrado Profissional em Ciências e Matemática. A interação desta discussão com os professores em formação inicial e os professores que estão atuando na rede pública, proporciona uma possibilidade de prática para novos conhecimentos.

Educação Socioemocional

O problema da escola de hoje, é considerar todas as condições orgânicas, sociais, cognitivas, emocionais e físicas dos alunos, que sabidamente interferem no processo de aprendizagem, para formar um cidadão mais responsável por si, pelo ambiente que o cerca, mais saudável e por isso mais produtivo, afirmam Macedo e Bressan (2016).

A aprendizagem socioemocional parte da constatação de que habilidades sociais e emocionais, são importantes para ser um bom aluno, cidadão e trabalhador. Entende ainda, que muitos comportamentos de risco, tais como: uso de drogas, violência, bullying e abandono escolar, podem ser prevenidos ou reduzidos se forem utilizados múltiplos esforços na educação de crianças e adolescentes. Entre os diversos estudos que apontam esses e outros resultados, Roberts (2015) apresenta um estudo americano apontando que para cada dólar investido em Educação Socioemocional há um retorno de sete dólares em benefícios para gastos em saúde pública, serviços sociais e outros.

Segundo Macedo; Bressan (2016), os estudantes possuem o que se chama “Janelas de oportunidades” quando estariam mais propícios para o envolvimento dentro e fora da sala de aula, com determinados tipos de aprendizagem.

A Educação Socioemocional, é uma contribuição de pesquisas nas áreas de psicologia, neurociências e outras, para busca de compreensão de que o cérebro é um órgão como qualquer outro de nosso corpo e merece atenção para uma vida saudável. Tudo está imbricado no processo educacional, que não se dá de maneira adequada sem saúde física, mental ou emocional. O cérebro possui quatro recursos para o adequado funcionamento da mente: **a atenção, as memórias, as percepções e a consciência**, Agüera (2008). Cada um desses recursos do cérebro tem uma função importante no processo de ensino e aprendizagem. Para Macedo; Bressan (2016), a aprendizagem é multideterminada e multicausal e uma boa estratégia para melhorar o processo de ensino e aprendizagem seria melhorar a atuação dos recursos que a mente requer.

Os programas de aprendizagem socioemocional nas escolas brasileiras, que tivemos acesso, têm por base o guia CASEL. A versão CASEL (2015) é destinada ao Ensino Médio e pressupõe que a melhor aprendizagem emerge no contexto de relacionamentos de apoio que tornam a aprendizagem desafiadora, envolvente e significativa. Trabalha com cinco aspectos inter-relacionados de competências cognitivas, afetivas e comportamentais: **1. Autoconhecimento** – capacidade de reconhecer emoções e pensamentos e sua influência no comportamento. **2. Auto-gestão** – capacidade de regular emoções, pensamentos e comportamentos em diferentes situações. **3. Consciência Social** – compreender normas sociais e éticas para o comportamento, ter empatia com outras pessoas de origens e culturas diversas. **4. Habilidades de relacionamento** – estabelecer e manter relacionamentos saudáveis e gratificantes. Isso inclui se comunicar claramente, ouvir ativamente, cooperar, resistir à pressão social inadequada e administrar conflitos. **5. Tomada de decisão responsável** – fazer escolhas construtivas sobre o comportamento pessoal e interações sociais com base em padrões éticos, preocupações com a segurança, normas sociais, avaliação realista das consequências das ações e bem-estar de si e dos outros.

As habilidades emocionais podem ser trabalhadas, independente da cultura do país, porque trata-se de traços de personalidade e habilidades universalmente reconhecidos.

Segundo CASEL (2015), uma das maneiras das escolas contribuir com o desenvolvimento de competências pessoais e sociais de seus alunos é integrá-las em um currículo acadêmico. Essa foi

a nossa opção , que consideramos transdisciplinar, pois os aspectos de ensino e aprendizagem da Estatística e da educação socioemocional, estão de tal maneira integrados, que não se dissociam.

Educação Estatística

Os educadores estatísticos são unânimes em afirmar que o pensamento estatístico favorece a criação de habilidades que capacitam o sujeito a analisar situações considerando todos os aspectos envolvidos nas mesmas, favorecendo a atuação tanto na vida pessoal quanto profissional. O hábito de analisar diversos aspectos de uma situação, segundo GAISE (Franklin ET AL.,2007), pode facilitar escolhas com base em dados que favoreçam melhor atuação dos indivíduos em sociedade. Segundo Gal (2002), é possível adquirir uma postura crítica, que pressupõe atitude de questionamento diante de mensagens que podem ser enganosas, desproporcionais, parciais ou incompletas.

A Análise Exploratória de dados, segundo Batanero (2001), considera que os dados são constituídos de regularidades ou tendências e desvios ou variabilidades. A proposta é que se estude grande parte das perspectivas envolvidas em uma situação problema, com forte apoio em gráficos, tabelas e medidas resumo.

Acreditamos que o enfoque exploratório na análise de dados, na Educação Básica, pode ser dirigido para contribuições com a Educação Socioemocional de maneira transdisciplinar.

Sequência didática proposta

Em abordagem qualitativa, 17 alunos de uma turma 3ºano do Ensino Médio de uma escola pública, no interior paulista, participaram da elaboração de uma sequência didática conforme quadro 01, sob orientação da professora da turma. A pesquisadora participou na função de observadora. A atividade foi aplicada logo após o período em que a professora da turma trabalhou o conteúdo de Estatística do programa de ensino, utilizando o material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo (2014).

Quadro 01. Síntese descritiva da sequência didática realizada.

ATIVIDADE 1	
Os alunos receberão indicações de procedimentos em cada etapa como segue:	
I	Responder individualmente o questionário: efeitos prejudiciais de beber.
II	Dispostos em grupo, identificar as variáveis estatísticas envolvidas no questionário I, organizar os dados, representa-los em tabelas e gráficos e proceder à análise.
III	Comparar os resultados obtidos em II com os mesmos itens divulgados na pesquisa nacional LENAD (2012).
IV	Uma roda de conversa para finalizar.

ATIVIDADE 2	
Os grupos receberão tabelas e gráficos disponibilizados na mídia para analisarem	
I	Análise dos dados constantes em 08 (oito) gráficos de maneira livre.
II	Uma roda de conversa para finalizar.

Fonte: Autores

Análise de alguns resultados observados na atividade 1

I. Com relação ao processo de ensino e aprendizagem da Estatística.

Todos os itens das atividades 1 e 2 iniciaram solicitando a descrição da variável e tipo de variável estatística envolvida na situação. Na atividade 1, os alunos tiveram dificuldade para fazer essa identificação, porém aos poucos melhoraram a compreensão, até não apresentarem mais essa dificuldade nos últimos gráficos e tabelas analisados, na atividade 2. Insistir nessa identificação, em todos os itens da atividade, foi uma variável didática priorizada na elaboração das mesmas. Essa escolha se deu em função do grande número de erros e dificuldade para fazer uma análise exploratória de dados, observados em nossos alunos e identificados em outras pesquisas. Novaes (2011), descreve erros no cálculo de medidas resumo e análises de dados, identificados em diversas pesquisas nacionais e internacionais, derivados da identificação incorreta da variável estatística envolvida nas questões. Confundir a frequência da variável com a variável, em dados representados em tabelas é o mais frequente. Uma das consequências deste erro é calcular a média de uma variável qualitativa nominal, utilizando os valores da frequência da variável.

Consultamos o material de apoio oferecido pela secretaria do Estado de São Paulo, utilizado pela professora e notamos que consta uma rápida definição de variáveis qualitativas e quantitativas. A caracterização de variáveis não é solicitada nos exercícios propostos. Passou despercebido para a professora da turma, pois, atuando há 25 anos, relatou nunca ter trabalhado esse tema. Porém, ao tomar conhecimento das atividades que seriam propostas aos seus alunos, solicitou capacitação para fazer essa discussão com os mesmos e recebeu de nossa parte, o apoio necessário. O fato de o tema ser novo para a professora e para os alunos, pode explicar as dificuldades iniciais dos alunos, porém, o contexto da atividade, instigante e próximo da realidade dos mesmos, favoreceu a caracterização correta das variáveis envolvidas nas questões.

II. Com relação ao aprendizado socioemocional

Quanto à contribuição na construção de competências socioemocionais nestes alunos, no início da atividade eles se mostraram preocupados com cálculos, sem envolvimento com o contexto da atividade. Aos poucos, algum aspecto chamava a atenção: “Nossa, quem conhece alguém que anda armado? Se andar bêbado já é ruim, imagine armado”. Porém, na roda de

conversa fluiu reflexões, no início os alunos discutiam apenas os resultados da pesquisa nacional LENAD (2012), mas aos poucos, começaram a falar de suas experiências, (Anexo2).

A roda de conversa permitiu aos adolescentes falarem de suas experiências e notarem que não estão só nessas experiências. Permitiu também, exercitar “o ouvir” a opinião dos colegas, concordar, discordar de maneira organizada. Essa é uma habilidade importante para a tomada de decisões responsáveis: ouvir o que é dito e não apenas o que queremos ouvir. Preocupar-se com o bem-estar dos colegas, foi uma socialização do exercício da empatia de alguns, com os demais.

Considerações Finais

O desenvolvimento da atividade, como proposto, trouxe contribuições para a formação continuada da professora da turma, pois, não trabalhava com a descrição das variáveis estatísticas e não conhecia a importância deste trabalho. Houve igualmente contribuição para os futuros professores que participaram da elaboração das atividades.

Para observar se houve tomada de decisão responsável seria necessário observar esses alunos por um longo período. Defendemos que a informação transformada em conhecimento por meio da vivência permitida no desenvolvimento da atividade, é o fator inicial necessário, pois, não se pode cobrar compromisso do ser que não tem conhecimento, Freire (2001). Dessa forma, a base para fazer escolhas construtivas sobre o comportamento pessoal com segurança e avaliação realista das consequências de suas escolhas foi estabelecida. Pudemos constatar que esses adolescentes, não apenas tomaram conhecimento das consequências negativas do uso de drogas, como também de um dos principais fatores que os predispõe ao uso: as amizades, Pinsky; Pazinato (2014). A socialização das reflexões dos mais conscientes com os demais foi um ponto alto na roda de conversa, especialmente a contribuição do aluno 05 (cinco) como líder positivo, (Anexo 2). É muito importante para o adolescente compartilhar opiniões, pois como o aluno 09 (nove) afirmou, a influência dos amigos é muito forte, positivamente ou negativamente. Assim, além de tomada de decisões responsáveis, nota-se ainda contribuições nos aspectos de autoconhecimento e consciência social, pois os alunos se envolveram emocionalmente com a atividade e houve a socialização da capacidade de alguns, com os demais, de reconhecer pensamentos e comportamentos ligados ao uso de drogas, compreender a legislação, normas sociais e atitudes prejudiciais à família e trabalho, bem como empatia com os colegas quando exageram no consumo.

Os alunos estão vivendo um momento propício para essa aprendizagem, “janela de oportunidade”, Macedo; Bressan (2016). O fato de terem se envolvido emocionalmente com a

atividade, aciona a atenção, favorece a memorização, a autoconsciência para promover a autogestão, o que amplia a capacidade de percepção dos riscos a que estão dispostos. Contribui para formação das funções executivas do cérebro, responsáveis pela habilidade de tomar decisões informadas e controle da impulsividade, em desenvolvimento no sistema nervoso dos adolescentes.

Referencias bibliográficas

- Balacheff, N. ; Gaudin, N. (2002). *Students conceptions : a introduction to a formal characterization*. Les Cahiers Du Laboratoire Leibniz, 65, 1-121. Grenoble.
- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. Effective Social and emotional Learning Programs: Middle and High School Edition*. Chicago: CASEL, 2015.
- Batanero, C. (2001). *Didáctica de la estadística*. Granada: Universidad de Granada.
- Cosenza, R.M.; Guerra, L.B. (2011). *Neurociência e Educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, P. (2014). Alunos brasileiros ficam entre os piores em teste de raciocínio lógico. IN: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-brasileiros-ficam-entre-os-piores-em-teste-de-raciocinio-logico-12052532> consultado em 12/10/2016.
- Franklin, C., Kader, G. & Mewborn, D. & Moreno, J., Peck, R. & Perry, M., et al. (2005). *Guidelines for assessment and instruction in statistics education (GAISE) report: a pre-K-12 curriculum framework*. Alexandria (VA, USA): ASA.
- Gal, I. (2002). *Conocimientos básicos de estadística en adultos: significados, componentes, responsabilidades*. Revista Internacional de Estadística (Haifa, Israel), 70(1), 1-25.
- Macedo, L.; Bressan, R. A. (2016). *Desafios da Aprendizagem: como as neurociências podem ajudar pais e professores*. Campinas, SP.: Papirus 7 Mares.

Novaes, D.V. (2011). Concepções de Professores da Educação Básica Sobre Variabilidade Estatística. Tese de Doutorado em Educação Matemática, PUCSP. Disponível em [HTTP://www.pucsp.br/pos/edumat/](http://www.pucsp.br/pos/edumat/)

Pinsky, I.; Pazinato, C. (2014) *Álcool e drogas na adolescência: um guia para pais e professores*. São Paulo, SP. Editora Contexto.

Roberts, R. D. (2015). A Educação Emocional pode gerar uma revolução social. <http://www.escoladainteligencia.com.br/> consultado em 28/11/2016.

Profa. Dra. Diva Valério Novaes – Me. Jândela Cristiani G. dos Santos

Anexo 1

Atividade 1.

Item I. Questionário

O quadro dois a seguir contém situações observadas após o consumo do álcool, relatadas por equipes médicas e pesquisadores da área da saúde. Leia-as com atenção e reflita se já observou essas situações em seu círculo familiar, social ou em você mesmo. Marque com um (X) na coluna do SIM, em caso afirmativo. Se marcou SIM, marque também a idade da pessoa observada e se não observou, marque apenas (X) na coluna do não.

Observação: Você não será identificado, portanto não é necessário colocar seu nome.

Quadro 02. Efeitos prejudiciais de beber

Situações sobre o uso do álcool	SIM	Não	Idade
1. Conhece alguém que não foi capaz de conseguir parar depois de começar a beber.			
2. Conhece alguém que já se machucou em consequência do seu consumo de álcool.			
3. Conhece alguém que bebe em * <i>binge</i> (quando bebem, ingerem 4 (mulheres) ou 5 (homens) unidades ou mais de bebida alcoólica a cada duas horas).			
4. Conhece alguém que o uso de álcool já teve efeito prejudicial no trabalho.			
5. Conhece alguém que perdeu o emprego devido ao consumo de álcool.			
6. Conhece alguém que o consumo de álcool por algum familiar teve efeito prejudicial na sua família ou relacionamento.			

7. Conhece alguém que já se envolveu em uma briga com agressão física depois de beber.			
8. Conhece alguém que anda armado e faz uso abusivo do álcool.			

* "bingedrinking", também denominado "beber pesado episódico" (consumo de 5 doses ou mais de bebida alcoólica em uma mesma ocasião)

ITEM II. Organização e apresentação dos dados

1. Resuma as respostas de seus colegas apresentadas no quadro dois em tabelas e gráficos convenientes.
2. Observe as tabelas e gráficos elaborados e classifique o tipo da variável estatística que está envolvida no estudo. Justifique.
3. Discuta com seu colega o que se pode concluir com os dados obtidos nesta pesquisa.

ITEM III. Comparação com a pesquisa nacional (LENAD)

Compare os resultados obtidos no item I (a pesquisa realizada nesta escola), conforme análise efetuada no item II, com os resultados do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD), realizado no período de 2006 a 2012, escolhendo aleatoriamente indivíduos com 14 anos, ou mais, de todo o território brasileiro, em entrevista com 4607 pessoas. Os dados do LENAD estão no Anexo 1.

Anexo 2

Professora: O que mais chamou atenção de vocês nesta pesquisa?

Aluno 1. Agressão física, porque o nº de pessoas envolvidas é alto. Dois terços dos homens jovens bebedores problemáticos já se envolveram em uma briga com agressão física no último ano.

Aluno 4. 6% dos brasileiros referiram ter sido vítima de violência doméstica no último ano, em metade destes casos o parceiro que exerceu a violência havia bebido. Eu não concordo, acho que é mentira, porque o valor da porcentagem deveria ser maior, porque eu com 17 anos já conheci 5 casos como esse, imagino a nível nacional!

Aluno 1. Afeta todo mundo, principalmente as crianças, isso que me chama atenção!

Professora: O que poderia ser feito para reduzir o consumo do álcool?

Aluno 4. Polícia.

Aluno 5. Eu acho que a mídia influencia muito as pessoas, parece que não, mas na mídia só passa propaganda relacionando bebidas e diversão, tipo ser feliz bebendo, acredito que se mostrasse as consequências negativas com o uso da bebida. Acho que mudaria, porque a mídia influencia bastante as pessoas.

Aluno 6. Não. Eu não acredito que as pessoas mudarão, deixarão de beber porque ficaram sabendo que muita gente morreu por causa de bebida. Ah! vou parar de beber porque tem muita gente morrendo, não funciona. Mas, quando você tem medo de ser multado, preso aí funciona. Propaganda, mídia não influencia nesse caso.

Aluno 7. Para mim é a punição, ele precisa passar por alguma coisa, para parar de beber, tipo, uma doença, ou alguém se feriu pelo ato de beber. Então para mim a punição é que fará a pessoa parar de beber.

Aluno 8. A minha opinião, os dois modos, punição e educação, podem ajudar na diminuição do consumo de bebida, a mídia pode influenciar muito, colocando na mídia essa questão da bebida alcoólica e direção e todas as consequências, mas para mim, o que mais pesa é o que pesa no bolso do brasileiro. O que pesou no bolso, é o que o brasileiro vai temer, pagar multas por dirigir alcoolizado.

Aluno 9. A questão da bebida é assim, você vai até a casa de um amigo, chega lá estão bebendo, daí você se sente na obrigação de beber também.

Aluno 5. Eu não concordo com isso, quando eu vou em festas dos moleques daqui da sala e estão bebendo eu sou o único que não bebo e não tenho problemas, não me sinto discriminado. Eles bebem porque se sentem bem assim, eu não bebo porque me sinto melhor assim e eles são os meus amigos do mesmo jeito. Não muda nada, eles não me obrigam a beber e eu não obrigo eles pararem. Vai da cabeça de cada um.

Aluno 1: Não como obrigação, ninguém obriga a nada, mas se você vê todos bebendo você se deixa influenciar. Ou bebe ou cuida dos bêbados. Risos...

Professora: Vocês se preocupam com os amigos que bebem demais?

Aluno 10: Sim, risos... Porque alguns colegas bebem demais e podem se envolver em brigas, cair e se machucarem. Professora tem uns que bebem tanto que querem brigar até com os amigos.

Aluno 1: Tem uns que brigam por mulheres, caem no banheiro para os amigos cuidarem e ainda acham bonito! Risos... Chegam até a dormir, tem que dar banho.

Professora: Vocês já chegaram a conversar com esses amigos sobre consequências?

Aluno 1: Professora eles não são viciados, só nas festas que ficam assim.

Aluno 10: Professora, deixei de ir a festas na praça, no clube, para ir somente na casa dos amigos, porque sei que eles cuidarão de mim quando eu beber.

Professora: Será que esses amigos que só bebem no final de semana e em festas não serão os futuros alcoólatras?

Todos: Sim.

Aluno 5: Acho que sim, porque dependendo do quanto ele bebeu vai querer sempre beber mais.